

RAS ainda treina bandidos armados

5.11.85

— testemunho de Jorge Valoi, capturado pelas FAM

por Filipe Ribas (texto e foto)

Jorge Majuta Valoi é um bandido armado recentemente capturado pelas nossas Forças Armadas, na zona de Manhíça. Mais do que um bandido, Jorge Valoi é um testemunho de que a África do Sul continua a treinar, equipar e abastecer os bandidos armados que actuam em Moçambique. Segundo as suas declarações, Majuta Valoi recebeu treino em território sul-africano, em Junho do corrente ano (mais de um ano após a assinatura do Acordo de Nkomati) e, através da fronteira, foi introduzido em Moçambique, onde praticou um considerável número de crimes contra a população e infra-estruturas económicas, durante três meses. O apoio logístico que os sul-africanos prestavam ao centro onde Valoi e outros bandidos treinaram incluía o fornecimento de mantimentos, armas e munições e de condições para reentrar em território sul-africano, caso fossem rechaçados pelas FAM.

Jorge Majuta Valoi abandonou a sua terra natal, Mabalane, juntamente com outros dois camponeses, em Maio deste ano, com o intuito de ir trabalhar para as minas da África do Sul. Para o efeito, os três indivíduos decidiram atravessar ilegalmente a fronteira.

Quando já se encontravam em território sul-africano, na região de Xikukhuza, foram detidos pela polícia sul-africana. Esta conduziu-os, imediatamente, para uma base de treino dos bandidos armados. Jorge Valoi diz ter recebido um treino de dois meses, findo o qual lhe foi entregue uma arma «FN» e teve a missão de entrar em Moçambique através de Massingir, «para destruir as aldeias comunais».

A partir da sua infiltração em território moçambicano, Jorge Valoi, integrado num grupo composto por cerca de 20 bandidos armados, iniciou uma carreira criminosa que só viria a terminar quando a intensificação das operações das FAM fizeram ver a Valoi e outros seus amigos que o melhor que tinham a fazer era fugir dos bandidos e procurar a vida sossegada do campo.

Bem pensado, melhor feito. Só que este grupo de bandidos não se entregou às FAM, nem se apresentou em

lugar algum sob a sua verdadeira identidade. Dirigiram-se a Ressano Garcia, onde se fizeram passar por mineiros repatriados por falta de emprego. Sob essa capa, viajaram até Maputo e de Maputo para Manhíça, onde foram capturados e apuradas as verdadeiras



Jorge Majuta Valoi

des ora confessadas pelo bandido Jorge Valoi.

NA ÁFRICA DO SUL

Um aspecto que ficou claro nas declarações que Jorge Valoi prestou à Informação, na manhã de ontem, é que a base em que treinou se situa em pleno território sul-africano. A sua fraca formação académica não lhe permite fornecer pormenores por aí além sobre a localização da base. Apenas um facto: foi detido pela polícia sul-africana e foi a mesma que o conduziu ao local do treino.

Há outros pormenores referentes a vida na referida base, que ilustram tratar-se de terras da África do Sul. Em primeiro lugar, o facto de os instrutores falarem em zulu, em segundo lugar as frequentes visitas de oficiais do exército sul-africano, «boers», que se fazem transportar ora em aviões ora em helicópteros.

Segundo a descrição de Valoi, a base situa-se numa zona urbanizada. Ele deu-lhe a designação de cidade, mas sendo cidade ou não trata-se, sem dúvida, de um sítio com diversas construções de alvenaria. Além, ele chegou a desenhá-la tal base de quartel. Toda a alimentação que os bandidos consumiam na tal base era trazida por aviões sul-africanos, que para o efeito utilizavam uma pista de aterragem existente no lugar.

Segundo Jorge Valoi, os aviões não só traziam comida para os bandidos como também traziam armas e munições, que eram despoalhadas e entregadas nas imediações da base.

Jorge Valoi afirma que, depois de infiltrado em território moçambicano, através de Massingir, queimou aldeias comunais e foi assassinando pessoas da população durante os três meses que se seguiram. No total, queimou nove aldeias comunais e, diz ele, matou dez pessoas. Sempre que as FAM dificultavam as suas actividades criminosas, os bandidos fugiam para a RAS — disse Valoi.